

# Resenha: Escrever em espanhol

Virginia Sita Farias\*

Pinheiro-Correa, Paulo. **Escrever em espanhol**: um guia didático pela cognição textual. Campinas: Pontes Editores, 2021. 106 p. ISBN: 978-65-5637-185-6

Em seu livro *Escrever em espanhol: um guia didático pela cognição textual*, o pesquisador e professor da Universidade Federal Fluminense, Paulo Pinheiro-Correa (doravante, Pinheiro-Correa 2021), discute aspectos relacionados à elaboração de textos em espanhol sob a perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional. A escolha de uma abordagem que integra as perspectivas cognitivista e funcionalista foi, sem dúvida, muito acertada quanto à finalidade do autor, que, ao longo da obra, busca lançar luz sobre as formas como a conceptualização da experiência humana se relaciona com a gramática e a construção de sentidos.

Baseando-se na premissa de que, “[...] no domínio de uma língua estrangeira, a correção gramatical não é tudo, e sim, apenas uma parte de um conjunto complexo de elementos que contribuem a formar a feição que os textos [...] têm” (p. 7), Pinheiro-Correa (2021) discute a adequação dos recursos linguísticos disponíveis - ou construções da língua - à situação comunicativa e ao gênero discursivo. A discussão, contudo, não perde de vista, por um lado, que o saber acerca da combinação entre construções da língua e gênero não é fechado, mas baseia-se em um cálculo probabilístico que permite avaliar “[...] qual construção é a mais provável de ser esperada naquele momento da leitura e qual construção é a mais provável de ser usada naquele ponto da escrita” (p. 9). Por outro lado, são considerados também os desafios que a escrita em espanhol impõe aos falantes de português - em especial, aos brasileiros -, já que “[m]esmo que os recursos sejam parecidos, as regularidades

---

\* Universidade de São Paulo; [virginiafarias@usp.br](mailto:virginiafarias@usp.br); <https://orcid.org/0000-0002-2991-3212>.

dos modos de dizer em espanhol requerem do usuário brasileiro uma recombinação desses recursos disponíveis [...]” (p. 8).

Do ponto de vista estrutural, o livro se divide em duas partes. Na primeira parte (“Elementos e recursos da organização textual” [p. 13-60]), que compreende os capítulos 1, 2 e 3, discutem-se conceitos fundamentais da Linguística Textual, com foco nas estratégias cognitivas e interacionais mobilizadas nos processos de construção textual e produção de sentido. Já na segunda parte (“Compreender e usar construções do espanhol” [p. 61-104]), que abarca os capítulos 4, 5, 6 e 7, selecionam-se algumas construções específicas para serem analisadas à luz dos conceitos explanados nos três capítulos iniciais - e a partir do contraste com construções próprias do português.

Para ilustrar a discussão levada a cabo ao longo dos sete capítulos, o autor se vale de fragmentos de textos escritos de diferentes gêneros em espanhol e em português, extraídos de roteiros de filmes, artigos de opinião, entradas de blogs, comentários de blogs e fóruns da internet etc., bem como de dados do *Corpus del Español* (2002) e do *Corpus do Português* (2006), ambos organizados pelo linguista estadunidense Mark Davies. Considerando a centralidade que a análise de exemplos de uso assume na obra e sua importância no que tange à didaticidade da discussão proposta, teria sido interessante comentar brevemente os parâmetros para a compilação e seleção do material, no caso dos exemplos que não foram tomados dos corpora de Mark Davies, além de indicar as fontes (no livro, se explicita apenas o gênero ao qual cada um dos fragmentos pertence).

Após uma breve introdução (“Começando” [p. 7-11]), na qual se delimita o escopo e se definem os objetivos da obra, abre-se a primeira parte com o capítulo 1 - “Como estruturar o texto?” (p. 15-34). Pinheiro-Correa (2021) inicia evocando a dimensão essencialmente dialógica do texto, que é o que “[...] nos permite interagir com nosso leitor, com os seus saberes prévios e com o conhecimento que vamos construindo com ele à medida que nosso texto progride” (p. 16). A partir daí, são delineadas duas questões fundamentais. A primeira delas é a familiaridade do leitor com os conteúdos comunicados. Considerando, por um lado, que a informação apresentada pode ser classificada

como nova, disponível ou conhecida, e que, por outro lado, os enunciados costumam apresentar um equilíbrio entre elementos temáticos e remáticos, o autor discute as tendências relativas à ordem de palavras e sua relação com a estruturação da informação (encadeamento tema-rema) na escrita em espanhol. A segunda questão, estreitamente relacionada à anterior, é a maneira como a informação apresentada é conceptualizada, e como isso se reflete na estrutura sintática dos enunciados e na construção de sentidos. Para levar a cabo essa discussão, são introduzidos os conceitos de *tematização* (ligado à função de perspectivação da informação conhecida) e de *focalização* (relacionado à função de contraste). Pondera-se que, “[p]ara os conteúdos que desejamos comunicar existem construções mais ou menos afins que podem representar a escolha prototípica que vamos fazer [...] considerando a progressão do nosso texto e a interação com o leitor”, de tal forma que a proposta do capítulo - e, mais amplamente, da obra em questão - é justamente “[...] permitir que [os] leitores identifiquem, [na] língua estrangeira, algumas escolhas prototípicas relacionadas a determinados conteúdos, para interagir com o leitor com propriedade no momento de escrever” (p. 25).

No capítulo seguinte - “A ativação de objetos de discurso” (p. 35-47) -, o foco da discussão recai sobre a progressão textual e a criação de objetos de discurso. Pinheiro-Correa (2021) salienta que há três aspectos a esse respeito que precisam ser considerados: (1) a existência de diferentes tipos de objetos de discurso, cujas características são determinadas pela natureza do referente (um indivíduo, um objeto, um acontecimento etc.) e pela função sintática (sujeito, objeto direto/indireto); (2) a variabilidade de construções disponíveis na língua para a apresentação de objetos de discurso ancorados (interpretados como informação conhecida) e não-ancorados (interpretados como informação nova/não disponível no texto); e (3) as diferentes funções textuais desempenhadas pelos objetos de discurso com ancoragem no texto, com foco na anáfora associativa e no encapsulamento. Essas diferenças, segundo o autor, condicionariam a seleção de construções de sujeito pré-verbal (prototípicas no caso de objetos de discurso ancorados que cumprem funções como a anáfora associativa e o encapsulamento) ou pós-verbal (muito frequentes em espanhol, especialmente no caso de objetos de discurso não-ancorados).

O capítulo 3 - “A reativação de objetos de discurso do texto” (p. 9-60) - encerra a primeira parte da obra, retomando a discussão levantada no capítulo anterior. Conforme Pinheiro-Correa (2021), depois de criados, os objetos de discurso podem permanecer ativados, ser desativados por completo, ou ainda ser desativados temporariamente para voltar a ser reativados mais adiante. Em vista disso, o objetivo do capítulo é analisar “[...] as marcas textuais que correspondem aos processos de transformação, desativação e reativação de objetos de discurso em espanhol [...]” (p. 49). Para esse fim, a questão da reelaboração discursiva das entidades do mundo como objetos de discurso é analisada, primeiramente, sob uma perspectiva mais tradicional - que, embora passível de críticas, mostra-se útil, segundo o autor, na esquematização de aspectos morfosintáticos do fenômeno em questão. A seguir, de maneira complementar, o tema é abordado do ponto de vista cognitivo e interacional, a partir do qual se considera que “[...] os objetos de discurso, uma vez ativados na memória textual, não são exatamente ‘retomados’ à medida que o texto progride, e, sim, *reativados* [...]”, de modo que “[...] o que ocorre já não é mais *referência* a objetos do mundo, mas *referenciação* dos objetos de discurso” (p. 56; grifos do autor). Finalmente, o exame de algumas construções de referenciação/reativação de objetos de discurso em espanhol revela uma certa predileção desta língua pela retomada mediante o emprego da flexão verbal, geralmente desacompanhada de pronomes ou expressões referenciais, levando a concluir que “[...] a forma de expressar linguisticamente que um determinado objeto de discurso permanece ativado ou quando este é reativado difere radicalmente entre espanhol e português” (p. 60).

A segunda parte da obra compreende quatro capítulos cujos títulos são todos formulados, de maneira quase provocativa, sob a forma de perguntas - aliás, bastante recorrentes nas salas de aula. A ideia, no entanto, não é oferecer respostas fechadas, mas proporcionar reflexões e, sobretudo, promover uma sensibilização acerca do funcionamento da língua estrangeira, a partir do contraste com a língua materna.

O capítulo 4, intitulado “Posso usar passivas?” (p. 63-71), aborda um tema sempre muito presente nas aulas de espanhol, posto que uma das características marcantes das produções textuais de aprendizes brasileiros

costuma ser o emprego massivo de estruturas passivas perifrásticas (verbo *ser* + particípio do verbo lexical), independentemente do gênero discursivo e não obstante o fato de que a passiva pronominal (*se* + verbo conjugado na terceira pessoa) pareça ser a prevalente em espanhol. Pinheiro-Correa (2021) chama a atenção para o fato de que ambas as construções estão disponíveis tanto em português como em espanhol, mas seu emprego está condicionado, por um lado, ao contexto da enunciação e, por outro, à forma de conceptualização da experiência. Dessa forma, o tipo de informação (nova ou conhecida) e a perspectivização do enunciado (a partir do evento ou do indivíduo) constituem variáveis que permitiriam explicar as divergências entre o português e o espanhol em relação à frequência e disponibilidade de uma ou outra construção em cada caso.

Outra questão recorrente nas aulas de língua, evocada no título do capítulo 5 - “Não é para usar o *yo*?” (p. 73-80) -, diz respeito ao uso pródigo de pronomes pessoais do caso reto nas produções textuais de brasileiros aprendizes de espanhol. Pinheiro-Correa (2021) propõe-se a discutir “[...] como empregar estes pronomes de maneira que eles façam sentido, saber quando eles não devem ser empregados e, ao contrário, quando *devem* ser empregados, nos casos em que sua omissão acarretaria prejuízo de entendimento [...]” (p. 73; grifo do autor). O autor ressalta que, em contraste com o português, língua na qual o valor dos pronomes do caso reto é ambíguo no que se refere à expressão de funções informativas, o espanhol diferencia os conteúdos que requerem a expressão do pronome daqueles que não o exigem: seu emprego nesta língua responde à necessidade de “[...] acionar cognitivamente funções como CONTRASTE, IDENTIFICAÇÃO e MUDANÇA DE TÓPICO” (p. 80; grifo do autor).

“A pessoa vai em segundo plano?” é a pergunta posta no título do capítulo 6 (p. 81-98), cujo tema são os verbos de experiência psicológica (*gustar, agradar, fastidiar, doler* etc.). A preferência pelo caso oblíquo para a expressão do experienciador do evento em construções com verbos psicológicos em espanhol reflete “[...] uma conceptualização do conteúdo que retira preponderância do experienciador e centra o enunciado no EVENTO” (p. 98; grifo do autor). Com relação à análise dos fragmentos que ilustram a discussão neste capítulo, é preciso fazer duas pequenas ressalvas. A primeira refere-se à

interpretação da partícula *se* no fragmento “se nos perdió la bandera” (p. 88) como um “pronome reflexivo”, quando, na verdade, indica que se trata de uma construção passiva pronominal. A segunda, por sua vez, diz respeito à interpretação do pronome oblíquo *le* como um experienciador genérico na construção passiva pronominal “se le perdió el miedo al sida” (p. 92). Neste caso, o sintagma nominal de objeto indireto “el sida” e o clítico “le” correferenciam o mesmo objeto de discurso.

Conclui-se o livro com o capítulo 7 - “Quedar(se) ou ponerse?” (p. 99-104) -, que se debruça sobre os “verbos de cambio”. Apesar de serem considerados um problema nas aulas de espanhol, Pinheiro-Correa (2021) pondera que “[...] a preponderância que esse tipo de construção tem na língua para a expressão da mudança é supervalorizada entre os brasileiros” (p. 103). A mudança, segundo o autor, seria conceptualizada majoritariamente como um processo por meio de construções verbais (*enfermarse* em vez de *ponerse enfermo*). Somente em cerca de 10% dos casos, quando a mudança se apresenta de maneira marcada como um estado resultante, seriam usadas construções predicativas com “verbos de cambio” em espanhol.

Por fim, um último detalhe de revisão: talvez por tratar-se de uma primeira edição, encontram-se na obra alguns erros tipográficos que, embora não comprometam absolutamente o resultado final, precisariam ser corrigidos. Alguns exemplos, entre outros, são: “cconstrução” (9), “a el sol” (40), “frequência” (73), “os seja” (80), “de el racionalismo” (97).

Em suma, considerando o exposto, não cabe dúvida de que Pinheiro-Correa (2021) cumpre com êxito os objetivos aos quais se propõe. Ao abordar o processo de escrita do ponto de vista cognitivo-funcional, consegue identificar as divergências, às vezes bem marcadas, entre o português e o espanhol quanto à perspetivação da informação e a criação/atualização de objetos de discurso. Como consequência, sua obra é um verdadeiro manual para usuários brasileiros que queiram aprimorar sua sensibilidade linguística e sua escrita em espanhol - além de constituir uma importante obra de referência para estudiosos interessados em metodologias de análise contrastiva, sobretudo no que se refere à construção da textualidade, no par português-espanhol.